



Bem-estar social, globalização e o papel do Estado

A **Chapa Atuarante** reforça o chamado para que **todos e todas participem das atividades em defesa dos nossos direitos nesse dia 10 de novembro, com as atividades do Dia Nacional de Paralisação e Mobilizações e na Marcha pela Ciência**, no dia 11 de novembro, às 15:30, no Museu do Amanhã. **Participem!**

No final da década de 1990, Giovanni Berlinguer, médico da Universidade La Sapienza, em Roma, observou que, diferentemente do que pregava o neoliberalismo, o Estado social não havia sido um empecilho ao crescimento econômico. Pelo contrário, ele representou uma síntese feliz entre democracia política, livre mercado, progresso científico e justiça social.

Sob o Estado social, lembrou, se produziram condições de saúde melhores do que as de qualquer outro sistema. Por outro lado, apontou, com a hegemonia neoliberal, inaugurada por Margaret Thatcher e Ronald Reagan, a desigualdade cresceu e as promessas de um mundo melhor não foram cumpridas. De fato, de lá para cá, não temos muito a comemorar. Contrariamente às expectativas de se alcançar uma vida melhor, derivada da integração de mercados e dos ganhos de produtividade alcançados na economia, a miséria se espalha.

Deterioraram-se o meio ambiente e as condições de vida e saúde das populações. Apesar da pujança econômica, pessoas estão vivendo nas ruas. Em um cenário marcado pelas crescentes disparidades nas trocas internacionais e pelas eclosões de crises econômicas e humanitárias, algumas questões ganharam relevo na busca por uma ordem mundial reciprocamente responsável e mais equilibrada — dentre estas, o papel do Estado na defesa da soberania nacional e na promoção do bem-estar social, frente ao enorme poder alcançado pelas grandes corporações empresariais e pelo capital financeiro.

Impulsionado pela liberdade de movimentação conferida ao capital, o acirramento da concorrência internacional extrapolou a necessidade de redução dos

custos de produção, impondo perdas substanciais de direitos. Ao mesmo tempo, observamos a redução de postos de trabalho, o crescimento da concentração de renda, o aumento da xenofobia e do fundamentalismo e a crescente debilidade das democracias.

Economias periféricas encontram, cada vez mais, dificuldades para implementar políticas de ciência, tecnologia e industrialização, de forma a criar e articular cadeias produtivas adequadas às suas necessidades - baseadas em produção de conhecimento e desenvolvimento tecnológico local. Indústrias que ultrapassem a condição de exploração de mão de obra barata, de produtoras irresponsáveis de resíduos tóxicos e de meras montadoras de produtos licenciados concebidos no exterior. A agenda privilegia o mercado, com a redução das responsabilidades do Estado. Não importam a tradição local, as necessidades específicas ou a presença de condições diferenciadas. Prega-se sempre uma economia sem fronteiras, alinhada com o pensamento dominante. Impõe-se, invariavelmente, a liberdade de movimentação para o capital, a aplicação do acordo internacional de proteção à propriedade intelectual, a desregulamentação da economia, a redução do alcance do Estado e os cortes de direitos sociais.

Contraditoriamente, advoga-se o livre comércio, ao lado da imposição de padrões de qualidade crescentes e constantemente atualizados que, na prática, funcionam como barreiras de entrada para novos concorrentes nos mercados do primeiro mundo. O monopólio é a meta e faz parte do DNA dos grandes conglomerados mundiais. Oligopólios conspiram contra a cidadania e os direitos do consumidor. Apesar das inegáveis falhas, o mercado é soberano. Fala-se em Estado mínimo até mesmo onde tudo falta. Ocorrências situadas fora esfera do mercado ou que não comprometam a elite da sociedade, como fazem as crises econômicas, as epidemias ou as guerras, são vistas como problemas restritos ao âmbito da órbita privada.

Saúde, moradia, educação, emprego e outros direitos perdem centralidade nos projetos nacionais. Paralelamente, verifica-se a fragilização dos instrumentos do Estado. Fragilização que corrói os sistemas públicos de atenção à seguridade social e à saúde que, embora não sejam os únicos setores atingidos, enfrentam conjunturas bastante negativas, em que o aumento da demanda a eles dirigidas é simultâneo aos cortes orçamentários, aos contingenciamentos e à ausência de novas fontes de financiamento. Verifica-se então, claros prejuízos ao bem estar social, à democracia e ao conceito de cidadania. Opera-se um verdadeiro sequestro do Estado.

Tais circunstâncias têm demonstrado a urgência da reafirmação das funções precípuas do Estado: a garantia da soberania nacional, a defesa da vida, a promoção do bem estar da sociedade e a garantia dos direitos de cidadania. Recentemente, Wolfgang Streeck, diretor do Instituto Max Planck, chamou a atenção para o fato de que o capitalismo foi liberado das frágeis amarras que lhe foram impostas no pós-guerra. Um contexto que vem produzindo uma “democracia domesticada pelos mercados”, com claros riscos ao processo civilizatório. Situada em um ponto de confluência entre a saúde pública, a ciência e a tecnologia, a Fiocruz ocupa uma posição estratégica, no que diz respeito ao esforço de superação da dependência tecnológica a ser implementado pelo País. Atravessamos um momento difícil, tanto na economia como na política.

O setor financeiro afasta-se das propostas desenvolvimentistas de combate à crise, e cobra a redução e o redirecionamento dos gastos públicos. Nestas circunstâncias, a conta recairá sobre a ampla maioria da população, em favor da proteção dos interesses de setores rentistas. Cabe, portanto, a todos nós cidadãos, lutar

para que o Estado promova e garanta as condições para o pleno exercício da cidadania. Datadas de 1999, as afirmações de Berlinguer permanecem atuais. E, assim como Streeck, nos fazem questionar: o que ganhamos ao aderir a tais concepções? Não seria o caso de pensar outro projeto? Um pacto nacional condizente com as necessidades do país, com o processo civilizatório e com a dignidade humana.

ATUANTE FAZ ! 41 É ATUANTE ! VOTE 41!

Acesse nosso blog e conheça mais sobre a Chapa Atuante e as propostas Sempre em Defesa da Fiocruz, do SUS e dos Trabalhadores: sempreatuante.blogspot.com.br

Conheça também nossa página no Facebook, curta e compartilhe: [Chapa Atuante](#)